

FACULDADE DE FILOSOFIA DE P. GROSSA

Especie e Raça

Para bem compreendermos a relação que existe entre raça e espécie, procuremos mostrar a escala inteira da terminologia biológica que se refere às diversas idéias e conceitos da classificação animal, que é a do homem.

Em disposição crescente de particularização, podemos mencionar: reino, tipo, sub-tipo, classe, ordem, família, gênero, espécie, variedade ou raça. No caso do homem, por exemplo, teríamos: Reino animal, Tipo Cordados, Sub-tipo Vertebrados, Classe mamíferos, Ordem Primatas, Família Hominídeos, Gênero Homo, Espécie Homo Sapiens, Raças Diversas (nome comum: homem).

Alguns tratadistas substituem o termo **Tipo por Filo**, que se deriva do grego — **phulon**, isto é, raça ou estirpe. Não há vantagem nenhuma na substituição. Analisemos o conceito **espécie**, nos diversos autores.

“Espécie é um grupo de indivíduos semelhantes, que reproduzem seres idênticos e que geralmente não se cruzam com indivíduos de outra espécie”, isto é o que ensinam Benedict, Knox e Stone, os abalissados biólogos americanos.

Desde logo, ressaltam duas particularidades nesta definição: primeira, a da semelhança; segunda, a do não cruzamento com outros grupos de indivíduos. A estas duas, alguns autores acrescentam a da infecundidade dos produtos híbridos, no setor das raças, idéia nem sempre cabível, como veremos adiante.

Já Cuvier dizia: “Espécie é uma coleção de todos os corpos organizados, nascidos uns dos outros ou de pais comuns ou daqueles que se lhes assemelham tanto quanto eles se assemelham entre si”. Semelhante definição peca por dar muita importância ao termo semelhança, pois que, sabemos que infinita é a variedade dos tipos individuais, devidos a inúmeros fatores internos e externos e poucas vezes suscetíveis de exame e critério absolutos.

Passemos ao Sr. Pittard, o céptico antropolista francês.

Para ele, a espécie valeria menos que raça ou “reunião de indivíduos semelhantes, oriundos de pais do mesmo sangue”. Em caso de mistura, as variedades passariam a constituir tipos estéreis. Aliás, a própria raça, em seu sentido mais rudimentar, não seria senão uma variedade mais ou menos fixada pela hereditariedade.

Parece pairar uma certa confusão nes-

ta definição do falado cientista francês. É a da palavra raça com a de espécie e variedade, portanto, em desacôrdo com a excelente divisão que acima fizemos.

Citemos, agora, o Prof. Giuseppe Rosso, da Universidade de Gênova, autor de “Etnologia e Geografia Etnológica”.

Acha êle que a palavra variedade não pode ser aplicada ao homem, porque é conceito que lembra o estado de completa natureza, isto é, de inteira identidade com o mundo selvagem. Sendo o homem animal doméstico, só podemos aplicar-lhe a designação de raça.

Diz êle que o essencial no conceito de raça “é o fato da hereditariedade dalguns traços diferenciais característicos. Noutras palavras, a raça é algo que se herda de geração em geração. Mas, no homem nem sempre é fácil distinguir aquilo que se possa atribuir à hereditariedade daquilo que é devido à influência mesológica — natural, climática, geográfica, quando não social, econômica, cultural, religiosa, etc. — que se não transmite hereditariamente, mas que se adquire durante a vida individual.”

“Impossível, portanto, achar raças puras” é a conclusão que êle tira, e nisto estamos de acôrdo.

No biólogo Pierantoni, vamos encontrar que “a espécie é um conjunto de indivíduos entre si semelhantes, entre si fecundos e com prole fecunda”. É definição das mais felizes, se bem a parte da fecundidade seja das mais relativas, porquanto tem havido híbridos fecundos, como é o caso do cão cruzado com o lobo. Ai, então, o critério falharia.

Como vemos, espécie, raça e variedade, se afastadas do esquema puramente biológico (e, às vezes, mesmo dentro de seus limites) são conceitos de pouca fixidez, quase nenhum valor distintivo e nenhuma aplicação como elementos rigorosos de ajuda nos estudos antropológicos. É só dentro do critério natural que lhes poderemos atribuir algum valor.

Vem, agora, a propósito esclarecer que não importa a escola — monogenista ou poligenista —, a idéia da evolução é por todos acatada, como condição natural e insofismável da história das espécies. Em qualquer dos casos, teria havido transformação. Mas, para os poligenistas, as raças humanas em si já constituem espécies diferentes, cada qual com origem própria, geralmente algum antropoide. E o exagêro está no pensamento de Giuseppe Sergi, que afirma que houve e há gêneros humanos diferentes, com origens inteiramente variadas.

A favôr do monogenismo militam os seguintes fatores: os numerosos caracteres anatômicos, funcionais e psíquicos comuns (como a linguagem articulada, a religião, os elementos culturais em geral, etc.) e o critério da interfecundidade. Mesmo entre as raças humanas enormemente distanciadas, existe a fecundidade. Temos, então, o Homo Sapiens a diferenciar-se em múltiplas variedades, aqui denominadas **raças**.

Alguns autores, levados por certo ceticismo de proveniência especulativa, pretendem, com suposta base científica, provar que o poligenismo é mais sustentável que o monogenismo. Argumentam, principalmente, com o homem fóssil (raças de Grimaldi, Neanderthal, Etc.) e com a composição bioquímica variada dos grupos sanguíneos.

Achamos, no entanto, que a arqueologia, apenas até certo ponto, tem valor no estudo exato do homem, enquanto que a composição sanguínea nada tem que ver com as raças, é antes fenômeno relativo, apenas uma das características, mais individual que racial, conforme iremos ver mais adiante.

Como quer que seja, porém, o inegável é a existência de variedades humanas ou raças, pelo menos, as três chamadas **truncos**, que são a branca, a amarela e a preta.

O difícil, no caso, é tomar dados e elementos, que nos autorizem a delimitar nitidamente as características de cada qual. Por exemplo, nem todos os indivíduos da raça branca são de traços caucasóides e tez clara, como nem todos os pretos pos-

(Continua na página 14)